

## SEGUNDO CADERNO

SEXTA-FEIRA, 3 DE SETEMBRO DE 2004

Lecuona: Rodrigo Pederneiras criou coreografia de exceção na trajetória do Grupo Corpo, provocando envolvimento dos bailarinos e do público

Divulgação/José Luiz Pederneiras

Silvia Soter

DANÇA  
CRÍTICA

“Lecuona”, a mais recente criação de Rodrigo Pederneiras e do Grupo Corpo, em cartaz até segunda-feira no Teatro Municipal, é uma peça de exceção. Ela representa um desvio, salutar e descomprometido, na história do Grupo Corpo. Apaixonado pela música do cubano Ernesto Lecuona, Pederneiras convenceu a companhia a trabalhar a partir de uma trilha musical não inédita e de um músico estrangeiro, o que não acontecia há muitos anos. Rodrigo inova também ao flertar com uma dança menos brejeira e mais latina. Inevitavelmente, novas marcas se imprimem na movimentação da companhia.

#### Das danças de salão para as danças de alcova

Mas nem tudo é novidade. Ainda mantendo a tradição, uma peça do repertório anterior da companhia abre a noite, servindo de entrada apetitosa à coreografia que estréia. A escolha dessa peça jamais é aleatória. Nela Pederneiras oferece pistas para que a outra obra possa ser desvendada em todos os seus detalhes. “Nazareth”, com música de José Miguel Wisnik, a partir da obra de outro Ernesto, o Nazareth, contemporâneo de Lecuona, brinca no figurino com o marfim e o ébano das teclas do pia-

## Com prazer e sedução

no, transformando os bailarinos em notas musicais que se associam, justapõem-se e se desencontram, recriando em seus corpos os tangos e chorinhos apontados por Nazareth. Dois pianos que produzem, no corpo, gestos bem diversos.

“Lecuona” é composta por 12 duos e um *grand-finale*. Cada duo funciona como um quadro, destacado dos demais. O piano de Ernesto Lecuona alimenta as danças dos pares: sempre um homem e uma mulher. Eles de preto e elas de salto alto, com vestidos decotados, esvoaçantes e coloridos. Entre o bolero, o tango ou a valsa, Pederneiras desliza, sutilmente, das danças de salão para as danças de alcova. A sensualidade dos encontros ganha qualidades e cores diferentes, a cada quadro, a cada música.

O amor e a atração entre os corpos, manifestados em duos, foram também a tônica de “Santagustin”,

criação anterior do grupo Corpo. No entanto, em “Santagustin”, o amor era visto com distanciamento e humor. Era um amor risível. Já em Lecuona, tudo é sedução e envolvimento. Pederneiras usa e abusa de sua competência para ganhar a platéia com seu amor rasgado, sensual, viril e glamouroso. A não-originalidade da trilha musical parece ter autorizado Pederneiras a também se apropriar de outras referências e influências, trazendo, por exemplo, para a cena, os musicais de Hollywood e até uma citação rasgada à peça de Twyla Tharp “Nine Sinatra songs”, no último quadro.

Os bailarinos do Corpo, que vemos aqui destacados em suas singularidades, parecem experimentar um momento prazeroso, carregando com teatralidade as canções de Lecuona. Prazer esse que transborda para o público, que, entregue e seduzido, deixa-se levar pela dança. ■



UM DOS 12 DUOS de “Lecuona”: encontros sensuais no palco do Teatro Municipal